

LAS CUCARACHAS

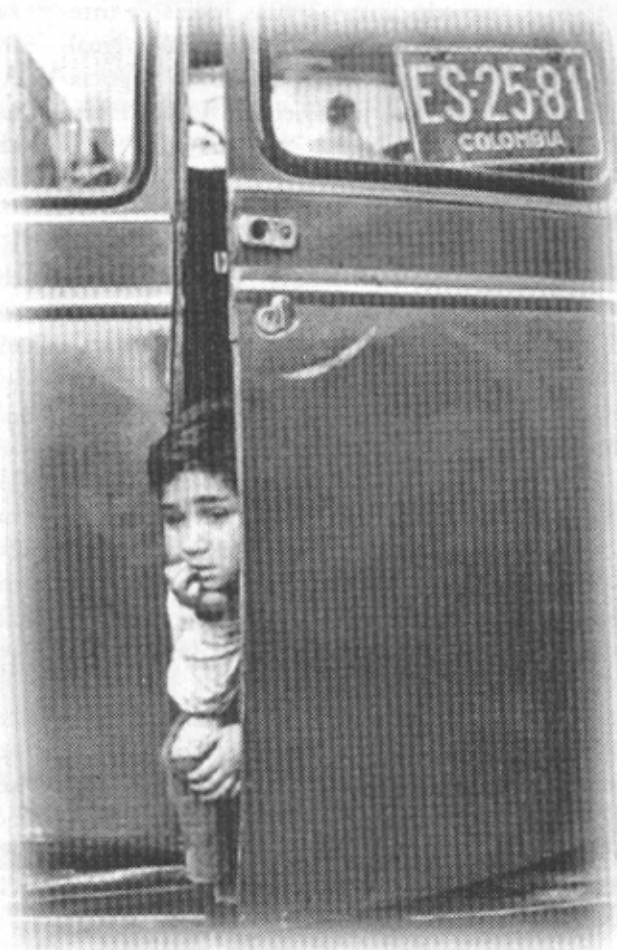
Ou como dedetizamos nosso jornalismo

BRUNO AZEREDO, DANIELE KNUST, PATRÍCIA PAMPLONA E VALÉRIA BECKER

Encontramos, facilmente, nos noticiários internacionais dos principais jornais brasileiros assuntos como: eleições americanas, o acidente de trem na Suíça, o desacordo entre árabes e israelenses e a bomba no metrô em Paris. Mas onde estão notícias sobre a Argentina, Venezuela, Paraguai, México, Bolívia e Porto Rico? Mente quem diz não encontrá-las. A América Latina está aqui, só você não vê as pequenas notas – no canto esquerdo da última página, abaixo do obituário – ganhando maior destaque quando o assunto é contrabando de carros roubados, refinamento de cocaína, plantações de maconha ou a saúde econômica e ambiental do planeta.

Será que o jornalismo político e internacional brasileiro considera mais relevantes as notícias vindas acima da linha do Equador? Pergunta quase infantil pela sugestão dos fatos. Um incêndio na Califórnia é “mais importante” que as enchentes do Paraguai, mesmo que as 25 famílias atingidas de Beverly Hills tenham perdido todas as suas Mercedes-Benz enquanto os 50 mil desabrigados paraguaios estejam à beira de uma epidemia de esquistossomose.

Flávio Henrique Lino, redator da editoria internacional do jornal carioca *O Globo*, confirma o que era apenas uma hipótese: “É verda-



de. Um acidente aéreo em Paris terá mais destaque que o mesmo em La Paz. Somos uma empresa, jornalística, mas uma empresa. A identificação brasileira com os centros hegemônicos constrói a ligação com EUA, França e Inglaterra. A diferença de língua é outro agravante à barreira cultural”, teoriza.

Jornalista formado há 12 anos pela ECO - Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Flávio Lino está há três na redação internacional de *O Globo*. Quando questionado sobre a AL e a linha editorial do jornal em que trabalha, o redator respondeu com outra per-

gunta: “Quantos amigos do seu nível social já foram à França e quantos visitaram o Chile? Quantos conhecem a Inglaterra e quantos passaram pela Bolívia?” Na ausência de resposta, Lino completou: “Nos últimos anos, as redações ampliaram sua pauta por conta do Mercosul, trazendo a Argentina, Paraguai e Uruguai para mais perto do leitor”. Nas suas próprias palavras, “as chamadas ‘situações emergenciais’ merecem maior destaque na AL”.

Lino traz algumas questões à discussão: a primeira é que o Brasil é o único país latino-americano (com exceção de dois pequeninos países de língua e domínio francês) a não falar o espanhol, o que provocaria um distanciamento cultural. Como con-

seqüência deste distanciamento lingüístico cria-se uma barreira cultural que se caracterizaria pelo desinteresse dos brasileiros pelo que acontece no restante da AL. Esta situação acaba por determinar as pautas das editorias internacionais dos jornais brasileiros, uma vez que estas estão a serviço do melhor capital e não da melhor informação, como gostam de afirmar ironicamente.

Dependência e intercâmbio cultural

Por outro lado, é muito comum vermos artistas da MPB, como

Chico Buarque, por exemplo, incluindo Buenos Aires e Santiago em suas turnês. Até mesmo grupos pop como Skank e artistas como Cássia Eller e Marisa Monte fazem shows em nossos países vizinhos. Se o idioma é o grande vilão da história, como explicar o interesse dos países de origem hispânica pela nossa cultura? Lino sugere que “a riqueza de nossa música é mundialmente reconhecida. A política e a economia brasileira são interessantes à Bolívia, Colômbia e etc. por ocuparmos uma posição de destaque no continente”. Nosso redator esquece que não estamos tratando da bossa-nova – o samba-jazz palatável ao gosto estrangeiro. Estamos falando de MPB (Chico Buarque nunca foi campeão de vendas por aqui) e música pop, (estilo que qualquer um, em uma cidade medianamente urbanizada, neste planeta, domina muito bem). Definitivamente, se a língua fosse problema, não haveria necessidade de buscarmos no Brasil produtos culturais que nós mesmos consumimos com restrições, ou um estilo musical que eles já tem aos montes por lá.

É incontestável que as relações de dependência entre países centrais e periféricos reproduzem-se em diversos níveis. Da mesma maneira que temos nos EUA um exemplo a ser seguido, países como Paraguai se relacionam da mesma maneira conosco. Mas esse argumento cai por terra quando falamos da Argentina. A rivalidade entre brasileiros e argentinos é de longa data e pode ser explicada pela disputa da primazia no continente. O episódio, há alguns anos, onde os dois países se digladiavam diplomaticamente por uma vaga cativa na ONU, em detrimento de acordos pré-estabelecidos, é bastante ilustrativa. Mas isso não é empecilho para nossos *hermanos*. No sul do Brasil, onde as fronteiras são mais

estreitas, é comum ter o *Clarín* como jornal de cabeceira: “Eu compro o *Clarín* para ficar mais informado. Às vezes tem mais assuntos sobre o Brasil que o próprio *Zero Hora*”, afirma o gaúcho Sinay Sander de 64 anos. Seria possível imaginar um argentino comprando *O Globo* para ficar mais informado nos assuntos de seu país?

O jornalismo brasileiro, o argentino e a indústria cultural

Aluizio Alves Filho, professor do departamento de Ciência Política do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ), teve como objeto de tese de doutorado em Ciências Sociais pelo Programa de Estudos Comparativos sobre a AL e o Caribe, o jornal argentino *Clarín* e a *Folha de S. Paulo*. Analisando a abordagem do noticiário cubano em ambos jornais, Aluizio conclui que “o pior não é o pouco noticiário brasileiro sobre AL e sim o escamoteamento da informação confirmando a estereotipia latino-americana.”

A América Latina merece destaque maior no que chamamos de “situações emergenciais”

FLÁVIO LINO

Quando a lei Torricelli passou no congresso americano, em 1992, intensificando o embargo econômico à Cuba, a *Folha de S. Paulo* simplesmente ignorou o fato, enquanto o *Clarín* deu-lhe ampla cobertura. A *Folha* deu-se por satisfeita citando, em nota, o repúdio oficial de países como México e Canadá à criminosa medida norte-americana. O jornal argentino, em ex-

tenso matéria, publicou a lista de países que pronunciaram-se formalmente contra a lei Torricelli, incluindo o Brasil. É curioso perceber na pesquisa de Aluizio que apesar de os dois jornais não concordarem com a política socialista cubana, a *Folha de S. Paulo* atribui a crise econômica que o país atravessa exclusivamente à incompetência de Fidel Castro em administrá-lo. Já o *Clarín* faz uma análise menos passional, mais ponderada, apesar de ser considerado um jornal conservador no seu país.

Aluizio aponta três causas para a AL ser preterida na imprensa brasileira. A primeira, já apontada pelo redator Flávio Lino, diz respeito à inserção das empresas jornalísticas no contexto da indústria cultural, justificando assim a pasteurização das informações jornalísticas. Como qualquer produto, “os jornais vendem o que encontra mercado. Se estamparem na primeira página as eleições presidenciais bolivianas, os jornais encalham na banca”, afirma Aluizio.

O jogo de morde e sopra da grande imprensa, que mantém Veríssimo e Olavo de Carvalho dividindo o mesmo espaço para garantir um maior alcance de público, faz com que ela encontre mecanismos que a mantenha comprometida ao grande capital, pois só assim pode sobreviver como empresa. Para Aluizio, reproduzir a visão preconceituosa norte-americana pode ser uma boa saída. Feito, é claro, de maneira sutil.

O segundo ponto a ser pensado pelo professor é a não identificação dos brasileiros como latinos. O aniversário dos 500 anos do descobrimento da América foi pouco noticiado e menos ainda comemorado no Brasil. Aluizio é taxativo ao afirmar que do mesmo jeito que a História dos EUA não começa com a chegada de Colombo – e sim

com a dos pioneiros – no Brasil ainda se festeja a chegada de Cabral.

Finalmente, Aluizio pensa a forma como “se dá a construção da AL no jornalismo brasileiro”. Paraguai, Bolívia e Colômbia, por exemplo, são sempre tratados de forma pejorativa: a *Folha de S. Paulo* proíbe o uso de expressões como *burguês* e *yankée*, mas em nenhum lugar do seu manual de redação existe referência à proibição do termo *cucaracha*.

Seria possível imaginar um argentino comprando O Globo para ficar mais informado sobre os assuntos de seu país?

América Latina, ibérica e francesa: América pobre

A expressão América Latina foi usada pela primeira vez por Napoleão III quando – na tentativa de retomar territórios do atual México que estavam sendo incorporados pelos norte-americanos logo após a guerra civil –, intervindo a favor dos mexicanos, falou em uma unidade cultural, na esperança que a perda de extensas áreas francesas, vendidas para os *yankées*, fosse compensada por um pan-americanismo. Não passou muito tempo para o termo ser associado a uma América pobre e *subdesenvolvida* principalmente quando utilizado por burocratas e executivos do FMI. Não é de se estranhar que brasileiro algum queira ser identificado pela expressão, do mesmo modo que os negros não se sentem lisonjeados ao serem chamados de *crioulos*.

O Brasil guarda peculiaridades na sua história. Fomos a única

colônia que teve a independência declarada pelo colonizador, o que nos garantiu cortar o cordão umbilical com a metrópole sem derramar muito sangue ou provocar grandes traumas edipianos. Conseguimos manter, ao longo dos anos, uma unidade territorial e lingüística explicável por alguns pelo tráfico de escravos e por outros somente pelo desejo celeste, enquanto o resto da América se esfacelava e pagava caríssimo pela sua “autonomia”. Apesar de fazer fronteira com quase todos os países sul-americanos – exceto Chile e Equador – a nossa população se concentra ao longo do litoral, dificultando ainda mais o intercâmbio entre os países. Estas questões históricas podem sugerir a origem do abismo cultural entre brasileiros e o restante da AL.

O cartunista Henfil, nos três anos que morou nos EUA, narrou de maneira exata esta experiência: “uma estranha sensação que latinos são os outros. Eu sou brasileiro”. O depoimento de Julio Moura, jornalista *freelancer* em Boston, EUA, complementa esta afirmação: “Meus amigos de redação porto-riquenhos, argentinos e uruguaios não entenderam quando eu falava que os brasileiros têm um interesse cultural estereotipado, quase folclórico pelos mexicanos. Eles, por outro lado, guardam profundo respeito pelo México e não concordam com a tríade sombrero-tequila-banjo.”

Todas as questões abordadas até aqui indicam uma direção, mas não mostram conclusivamente a causa do desinteresse da imprensa brasileira diante do que acontece nos países que são nossos vizinhos de fronteira. Formam apenas uma imagem desfocada sem contornos delineados. Sobrepondo esta figura ao contexto da indústria cultural, talvez conseguiremos visualizar mais nitidamente o pontilhado que indica o xis do problema.

Algumas editorias brasileiras são, de modo geral, abastecidas pelas agências internacionais de notícia. Entenda-se por agências internacionais a *Reuters* (inglesa), *France Press* (francesa) e *IPA* (norte-americana). As notícias que, naturalmente, já vêm selecionadas e embaladas, passando pelo rigoroso controle de qualidade estrangeiro, ainda sofrem um recorte dentro dos próprios jornais brasileiros. Um bom exemplo é o (já citado) caso da *Folha de S. Paulo* e o noticiário sobre Cuba.

“O pior não é o pouco noticiário brasileiro sobre AL e sim o escamoteamento da informação confirmando a estereotipia latino-americana.”

ALUIZIO ALVES FILHO

Segundo Marcos Dantas, professor de História da Imprensa na PUC-Rio, nosso provincianismo nos mantém afastados a uma distância segura de qualquer assunto que nos faça lembrar nossa condição de país periférico (ver entrevista). O interesse em manter um produto jornalístico pasteurizado capaz de assemelhar-se aos do “primeiro mundo” faz com que casos engraçados – se não fossem trágicos – aconteçam. Recentemente, por exemplo, uma matéria de contra-capas do Segundo Caderno do jornal *O Globo* dava destaque aos shows que a velha guarda da Mangueira vinha fazendo no Rio. A foto, clicada em um belo dia de sol, mostrando em perspectiva os sambistas da verde-e-rosa enfileirados lado a lado, na entrada do Buraco Quente (principal via de acesso à favela), trazia o crédito, em letras miúdas: Reuters.



Eclética: As editorias políticas e internacionais afirmam que a edição dos jornais são baseadas no interesse popular e, portanto, a AL seria preterida em função do noticiário americano e europeu. Como você vê essa questão, levando em consideração que os jornais fazem parte do contexto da indústria cultural?

Marcos Dantas: Essa argumentação pode ser parcialmente verdadeira, se você pensar que o leitor também faz de revistas como Caras um grande sucesso editorial. De fato, no contexto cultural, industrialmente produzido, os jornais buscam valorizar o lado (e o bolso) consumidor das pessoas. Uma parte do público pode estar, no geral, buscando as suas referências nos signos de status e poder. Mostrar-se bem informado sobre o que acontece nos centros de onde se irradia poder e glamour, seria um modo de exibir identidade com o lado poderoso do mundo, um modo de sentir-se parte do "primeiro mundo", de esnobar a pobreza. Penso que, infelizmente, nesse nosso país tem muita gente assim, inclusive, claro, no jornalismo. Mas isto não explica tudo. Evidentemente, milhões de pessoas não podem dizer se gostariam ou não de saber mais a respeito da AL, pelo simples fato de que é negado a elas saber o que poderia haver de interessante na América Latina. É óbvio: você não pode desejar receber uma informação sobre algo que você não sabe que está acontecendo.

E.: Outro argumento utilizado pelos jornais é que a diferença en-

tre as línguas seria barreira para uma maior integração entre o Brasil e o restante da AL. Mas como poderia ser explicado o interesse dos outros países latinos pela cultura e política brasileira?

M.D.: É claro que este argumento é idiota. Se a barreira fosse a língua, como explicar o noticiário sobre os Estados Unidos, Alemanha, Sérvia, Oriente Médio e Japão? Para não citar outros tantos cujas línguas não têm qualquer identidade ou semelhança com o português, ao contrário do espanhol. Aliás, hoje em dia, percebe-se claramente a importância que a Argentina adquiriu no noticiário brasileiro. A razão disto é sua importância para a economia brasileira – tanto enquanto mercado para os nossos produtos, quanto como fonte de perturbação para o equilíbrio fictício do real.

Se a barreira fosse a língua, como explicar o noticiário sobre os EUA, Alemanha, Sérvia, Oriente Médio e Japão na imprensa brasileira?

E.: O brasileiro não se identifica como latino e se sente um povo à parte na América. Não nos consideramos suficientemente descobertos por Colombo. O que você pensa a esse respeito?

M.D.: Existem alguns aspectos que podem ser pensados. Não devemos esquecer que a nossa história correu bastante afastada da história da América Latina, até por sermos de colonização portuguesa. Nossa ocupação territorial permaneceu, até a segunda metade do século XX, limitada ao litoral atlântico, sem maior contato com a maior parte das frentes espanholas de penetração, devido ao imenso interior quase desabitado e à inexplorada floresta Amazônica. Na verdade, somente tivemos contato mais estreito – e nem sempre amistoso – com os países do Prata. Aliás, nem penso que os países hispânicos sejam tão interessados no Brasil. No entanto, se eu estiver enganado, pode passar-se com eles a mesma relação que temos com a sociedade e cultura americana ou europeia. Não ignore que o Brasil é, de fato, uma potência econômica, política e cultural no contexto latino-americano. Somos

mais ricos, mais sofisticados (no sentido industrial-urbano do termo), mais internacionalizados (no sentido daquelas referências da cultura internacional que interessam aos leitores de Caras). Existe uma Caras na Argentina, você sabia?

E.: Os dj's das rádios brasileiras justificam não tocar música latina por não haver solicitação do público. Caetano Veloso é latino e toca nas rádios. Então as rádios tocam música latina...

M.D.: Na verdade, a rádio toca o que a indústria fonográfica faz tocar. A música latina – assim como a verdadeira música brasileira – não toca nas rádios. Às vezes Caetano toca, mas é raro ouvir Chico, muito mais raro ouvir Milton e, decididamente, não se ouve mais Tom; enfim, os sambistas verdadeiros. Ouve-se essa coisa horrível chamada pagode, mas não os verdadeiros pagodeiros. Aliás, eu não sei se hoje, no Brasil, se faz música brasileira. Tenho lido que a melhor música brasileira está sendo feita no Japão, na Austrália.... Interessante, não?

E.: Para finalizar, que motivo você considera mais relevante para o fato das editorias internacionais brasileiras não noticiarem a América Latina?

M.D.: Há um fator muito importante: o noticiário da imprensa brasileira, especialmente o noticiário internacional, é pautado pelas agências de notícias americanas e européias. A nossa imprensa dá importância ao que essas agências dão importância. Este é o fato básico, ou melhor, o fato concreto. Não tem nada a ver com lbope ou outras explicações cínicas do gênero. Tem a ver, sim, com o querer estar "sintonizado com o mundo" e o "mundo" para as agências; para os países onde estas agências têm sede e para as cidades às quais os repórteres gostam de ser enviados como correspondentes, é aquele que para os EUA e a Europa é considerado "mundo". Isto é, o "mundo" é aquele onde acontecem coisas que interessam aos "donos do mundo". Por isto, as eleições na Sérvia, um país de língua eslava, ganha página inteira em nossos jornais e a crise social na Bolívia merece apenas, quando muito, uma notinha na seção Curtas.